

Notas de Programa

Por Marcelo Batuíra Losso Pedroso

Edvard Grieg: Suite nº 1 de Peer Gynt, Op. 46

Já no auge de sua carreira, o dramaturgo norueguês Henrik Ibsen (1828-1906) redige uma carta a um jovem músico conterrâneo: “Caro senhor Grieg, escreve-lho por conta de um plano que desejo implementar e gostaria de lhe convidar a participar. O plano é o seguinte: proponho adaptar *Peer Gynt*, o qual logo estará em sua terceira edição impressa, para o palco. O senhor comporia a música que esta peça requer?”. Não poderia ser mais direta esta carta de 23 de janeiro de 1874, entre duas pessoas que nem sequer se conheciam.

Mas não precisava de apresentações: naquela altura do século 19, Ibsen era o maior dramaturgo de seu país e não havia quem não conhecesse o poema *Peer Gynt*, obra-prima do escritor, publicada em 1867. Edvard Grieg (1843-1907), embora ainda jovem, já era reconhecido como a maior voz musical da Noruega, graças a seu notável *Concerto para piano em lá menor*, o qual recebeu até a bênção de Franz Liszt.

Grieg logo concordou com o projeto, mas o que ele não sabia era a tarefa hercúlea em que estava se metendo. A peça em cinco atos de Ibsen é particularmente difícil de se musicar por conta da trama extensa e do próprio personagem, um anti-herói por excelência: mentiroso inveterado, narcisista, sem escrúpulos, imoral, aventureiro, ambicionava ser rei ou imperador, para o grande desespero de sua mãe. Suas aventuras o levam ao país dos trolls, ao norte da África, ao Egito e, finalmente, ao retorno para casa, onde ele é dado a prestar contas do que fez de errado e confrontado com a seguinte questão: ele deve explicar quando e onde, na sua vida, foi “ele mesmo”. A essência da obra, curiosamente, é sobre a luta do homem para se tornar uma pessoa melhor.

Peer Gynt é, talvez, a maior obra de Ibsen: uma farsa satírica, um tanto doce e amarga ao mesmo tempo, um conto filosófico, um poema épico para o palco, difícil de enquadrar por conta de sua grandiosidade literária. Uma pena que ela não seja conhecida no Brasil, justamente por falta de tradução em língua portuguesa. Grieg conseguiu depois de dois anos de árduo trabalho concluir a composição musical para a peça: 23 quadros musicais para orquestra, coro e solistas. Essa obra trouxe a imortalidade tanto à Grieg quanto à Ibsen.

Dado ao grande sucesso da música de cena, Grieg extraiu oito das 23 partes e criou duas suites: a Op. 46 (1888) e Op. 55 (1891). Ouviremos a primeira suite, dividida em quatro partes. “Manhã”, um *allegro pastorale* em mi maior, nos traz o aroma do frescor dos pinheiros da Escandinávia aos primeiros raios de sol, a flauta nos sugere o primeiro canto dos pássaros na aurora, podemos até ver (com os ouvidos) a cor pálida da manhã se intensificando em múltiplas cores

conforme surgem os raios de sol, uma linda manhã de um dia ensolarado. A música, claro, não é descritiva e foi feita para ilustrar uma manhã no deserto marroquino, mas podemos muito bem evocar todas essas sensações. Aqui está a força lírica da música de Grieg.

A segunda parte é “*A morte de Åse*”, refere-se à morte da mãe do personagem, que esperou muitos anos para que seu filho retornasse de suas andanças e ilusões. Escrita apenas para cordas, é um *andante doloroso*, em si menor. Muito expressiva, inicia-se com uma melodia diatônica e evolui para uma linha descendente cromática.

“A dança de Anitra” é uma mazurka, em que o primeiro tema se repete a si mesmo várias vezes. O compositor usou uma dança polonesa para evocar uma cena num deserto no norte da África. Peer Gynt, posando de profeta, assiste uma dança de um grupo de meninas árabes, das quais Anitra lhe chama especial atenção. A Suite termina com o famoso “No hall do rei da montanha”, um *alla marcia* e *molto marcato*, em si menor. Trata-se do episódio em que Peer se encontra com o Rei Troll e quase se torna um troll ele mesmo, mas desiste na última hora, com medo por perder sua condição humana.

Beethoven: Egmont, Op. 84

Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) começou a escrever o drama Egmont quando tinha apenas 26 anos, mas levou catorze anos para completá-lo (em 1789). A peça, em cinco atos, conta a história do conde Egmont, um nobre de uma cidade no noroeste da Holanda. Mais do que uma dramática história sobre a liberdade e a libertação de uma nação oprimida pelo poderio espanhol no século XVI, é um libelo contra todas as opressões, cujo herói dá sua vida pela causa, culminando com sua morte, por decapitação, em plena praça pública de Bruxelas, em 5 de junho de 1568. Essa decapitação veio a ser o estopim para uma série de revoltas pela independência da Holanda.

Esse tema é muito caro a Beethoven, tanto pessoal como politicamente. O avô do compositor, Ludwig van Beethoven, o Antigo (1712-1773) descende de uma família flamenga, originária da cidade de Mechelen, da vila de Flandres. Observe-se que a preposição “van” nos nomes patronímicos holandeses não tem origem nobiliária (ao contrário de “von”, em alemão), mas equivale ao “du” (de) do francês. Seu avô paterno era um homem respeitável e excelente músico, vindo a se instalar em Bonn em 1732, cidade em que Beethoven, o compositor, viria a nascer 38 anos depois (em 1770). A razão política pela qual Beethoven compôs essa música é o paralelo evidente da situação de Viena da época da composição (1809-1810), então sitiada pelas tropas francesas de Napoleão Bonaparte, desde maio de 1809.

Muito embora sua abertura seja a peça mais conhecida do público de concerto, a música incidental completa de Egmont, Op. 84, foi escrita para soprano e narrador e compreende 10 peças musicais, incluindo a famosa abertura, quatro entreatos e duas maravilhosas canções para soprano: *Die Trommel gerühret* (“Os tambores agitados”) e *Freudvoll und leidvoll* (“Alegre e triste”), na voz de Klärchen (Clara), uma amante ficcional criada por Goethe em seu drama. A primeira canção é o auge de toda a peça, na qual a amante do conde manifesta seu desejo em acompanhar o amado em defesa da liberdade.

Segue, em primeira tradução para a língua portuguesa, feita por João Pimentel

Ferreira:

*Die Trommel gerühret,
Das Pfeifchen gespielt!
Mein Liebster gewaffnet
Dem Haufen befiehlt,
Die Lanze hoch führet,
Die Leute regieret.
Wie klopft mir das Herz!
Wie wallt mir das Blut!
O hätt' ich ein Wämslein
Und Hosen und Hut!*

Os tambores agitados,
a flauta tocada!
Meu amor armado
a turba comandada,
a lança segue alto,
o povo governado.
Como me palpita o coração!
Como me ferve o sangue!
Oh tivesse eu um gibão
e calças e um chapéu!

*Ich folgt' ihm zum Tor 'naus
mit mutigem Schritt,
Ging' durch die Provinzen,
ging' überall mit.
Die Feinde schon weichen,
Wir schiessen da drein;
Welch' Glück sondergleichen,
Ein Mannsbild zu sein!*

Segui-lo-ia portão afora
com passo apressado,
iria p'las províncias,
por todo o lado.
Os inimigos já recuam,
esmagamo-los por inteiro;
que felicidade sem igual
ser-se um homem verdadeiro.

Após ouvir a sinfonia da vitória, última parte de Egmont, Goethe reconheceu, por fim, o “admirável gênio” do compositor. Mal saberia o escritor que Egmont seria mais conhecida para as futuras gerações pela música incidental de Beethoven, do que pelo seu drama. Graças à força composicional da obra e sua exaltação ao heroico sacrifício de um homem pela liberdade, a Abertura de Egmont tornou-se o hino da revolução Húngara de 1956.

*É doutor em Direito pela USP e pós graduado pela The Anderson School of Management da UCLA – Los Angeles e diretor do Jornal de Piracicaba.